

---

# REFLEXÕES SOBRE OS CONCEITOS DE “AÇÃO” E “SENTIDO”, DE MAX WEBER, NA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

REFLECTIONS ON MAX WEBER'S CONCEPTS OF “ACTION” AND “MEANING”  
IN THE ETHNOGRAPHIC APPROACH

REFLEXIONES SOBRE LOS CONCEPTOS DE «ACCIÓN» Y «SIGNIFICADO» DE  
MAX WEBER EN EL ENFOQUE ETNOGRÁFICO

---

Stefany Ciolfi de Souza<sup>1</sup>

<https://doi.org/10.5935/2358-3541.2024142141-pt>

## Resumo

Este artigo tem por objetivo propor uma discussão sobre a relevância de alguns conceitos clássicos de Max Weber, bem como de outros teóricos influenciados pela sociologia weberiana, para investigar situações etnográficas. Para além da teoria como moldura que enquadra a realidade, tento discutir o que faz do autor clássico da sociologia também um exemplar metodólogo. Dando substância a essa discussão, apresentamos tensões bibliográficas e metodológicas presentes em uma pesquisa etnográfica em andamento, cujos protagonistas são evidenciados a partir de suas estratégias e ações individuais ou em pequenos coletivos diante de um cenário de oscilação econômica local. Os conceitos de ação e sentido serão úteis enquanto pontos de partida para acessar e interpretar situações contra-intuitivas que emergem no trabalho de campo.

**Palavras-Chave:** Max Weber; ação, sentido, pesquisa etnográfica.

## Abstract

This article aims to propose a discussion on the relevance of some classical concepts developed by Max Weber, as well as those of other theorists influenced by Weberian sociology, for the investigation of ethnographic situations. Beyond theory as a framework that merely frames reality, I seek to discuss what makes this classical author of sociology also an exemplary methodologist. Giving substance to this discussion, the article presents bibliographic and methodological tensions emerging from an ongoing ethnographic research, whose protagonists are highlighted through their strategies and individual actions or actions carried out in small collectives in the face of a context of local economic fluctuation. The concepts of action and meaning will be useful as starting points for accessing and interpreting counterintuitive situations that emerge during fieldwork.

---

<sup>1</sup> Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: stefanyciolfi@id.uff.br.

**Keywords:** Max Weber; action; meaning; ethnographic research.

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo proponer una discusión sobre la relevancia de algunos conceptos clásicos de Max Weber, así como de otros teóricos influenciados por la sociología weberiana, para la investigación de situaciones etnográficas. Más allá de la teoría como un marco que encuadra la realidad, se busca discutir qué hace de este autor clásico de la sociología también un metodólogo ejemplar. Dando sustancia a esta discusión, el artículo presenta tensiones bibliográficas y metodológicas presentes en una investigación etnográfica en curso, cuyos protagonistas son evidenciados a partir de sus estrategias y acciones individuales o en pequeños colectivos frente a un escenario de oscilación económica local. Los conceptos de acción y sentido serán útiles como puntos de partida para acceder e interpretar situaciones contraintuitivas que emergen en el trabajo de campo.

**Palabras clave:** Max Weber; acción; sentido; investigación etnográfica.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos dezoito anos, a cidade de Itaboraí, na região Leste do Rio de Janeiro, na região sudeste do país, ganhou notoriedade nos estudos acadêmicos e na mídia em larga escala. O município de cerca de duzentos mil habitantes seria contemplado com a construção do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj) da Petrobras, o maior projeto do setor em toda a América Latina. Em 2006, ano do anúncio, grandes expectativas foram geradas e a população se preparou de diversas formas para a chegada do desenvolvimento econômico prometido.

A cidade viveu uma alta demanda populacional por moradia e serviços decorrente de novos grupos que passaram a residir na cidade. Esses grupos eram compostos principalmente por trabalhadores especializados do setor de construção industrial e grupos oriundos de outros municípios interessados em vivenciar um desenvolvimento produtivo associado ao sossego de uma cidade que ainda carregava traços rurais, em oposição à violência urbana associada às favelas consolidadas (Cavalcanti, 2006). Os valores de casas e terrenos subiram substancialmente, novos prédios e condomínios de luxo foram erigidos vislumbrando um grupo bem remunerado, diretamente ligado ao setor petrolífero.

Entretanto, cerca de seis anos após o início das construções do Complexo, em 2014, após atrasos e revisões orçamentárias, as obras foram oficialmente paralisadas

depois que ligações suspeitas entre representantes públicos e empreiteiras se tornaram alvo da operação Lava-Jato<sup>2</sup>. Esse acontecimento foi um marco na história recente da cidade. Após as paralisações, os preços dos imóveis despencaram, desvalorizando os altos investimentos dos anos anteriores. Centenas de milhares de trabalhadores vindos de outros estados do país ficaram sem salários, chegando a fechar a ponte Rio-Niterói em 2015 para cobrar pela imobilização sofrida<sup>3</sup>. Alguns pequenos proprietários foram pressionados a vender seus imóveis para dar lugar à construção do empreendimento, sensação de desapropriação intensificada pelo fato do empreendimento sequer chegar a operar nos primeiros anos. Desde então, a economia local oscila de acordo com os rumores de retomada das obras do Comperj. Muitos veículos continuam a retratar o município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) como uma cidade em ruínas, justificando o cenário de abandono a partir de salas e galerias comerciais desocupadas e prédios abandonados que haviam sido construídos vislumbrando uma movimentação econômica intensa.

Seguindo uma perspectiva que credita os megaprojetos de desenvolvimento nacional a partir daquilo que é anunciado e midiaticizado, algumas pesquisas foram exemplares em desvelar as mazelas que trabalhadores e investidores sofreram com o processo de arruinamento das obras públicas de infraestrutura para além das obras de construção do Comperj, enquadrando a experiência como um empreendimento que não *deu certo*, não foi *para frente*. (INCID, 2025; Binsztok e Barbosa, 2019). No caso do Comperj, que teve institucionalmente um incentivo em larga escala mas que, terminou por apresentar uma série de reelaborações e renomeações no projeto inicial, terminando por operar hoje em capacidade inferior ao anunciado, o movimento intuitivo foi o de acompanhar o discurso institucional, comprovando o fracasso.

Em contraste com esse discurso, aparentemente endossado por prédios abandonados que não tiveram aproveitamento econômico e ruas sem asfalto e tratamento de esgoto, os condomínios residenciais fechados foram ocupados por

---

<sup>2</sup> G1. Lava Jato entenda a denúncia sobre a Comperj. G1, 08 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2019/01/08/lava-jato-entenda-a-denuncia-sobre-a-comperj.ghtml>

. Acesso em: 12 de dezembro de 2025.

<sup>3</sup> EXAME. Comperj tem protesto contra salários atrasados e demissões. Exame. Publicado em 10 fev. 2015. Disponível em: <https://exame.com/brasil/comperj-tem-protesto-contrasalarios-atrasados-e-demissoes/>

. Acesso em: 18 de dezembro de 2025.

grupos menos remunerados que os vislumbrados pelo projeto original. Esses grupos aproveitaram um momento de baixa nas oscilações imobiliárias e conseguiram adquirir seus imóveis a preços acessíveis.

O setor imobiliário contou com o apoio do Estado para mediar a relação entre o setor e o consumidor através da liberação do FGTS e do financiamento pela Caixa Econômica Federal. Depois de 2014, o mercado investiu em condomínios fechados de padrão médio, inspirado pelo sucesso que o modelo de moradia logrou com esses grupos. Ainda que emulasse fortificações de alto padrão, esses condomínios pós queda do Comperj continham imóveis de até duzentos mil reais (Shimbo, 2015), e terrenos de cerca de noventa mil reais. Ou seja, na contramão do fracasso institucional, representantes de uma possível camada emergente viram a oportunidade de adquirir sua casa própria em um empreendimento cercado e protegido dos perigos de uma cidade que havia acabado de receber milhares de novos habitantes.

Inspirado pela capacidade da pesquisa etnográfica de revelar contradições e tensões em relação aos discursos apresentados nos parágrafos anteriores, este trabalho tem como objetivo discutir possíveis contribuições das noções de ação e sentido no âmbito das ciências sociais, a partir de situações etnográficas recentes da pesquisa que venho desenvolvendo ao longo dos últimos cinco anos. Trata-se, em outros termos, de explorar uma possibilidade aberta pelo trabalho de campo etnográfico de identificar fluxos e trajetórias simultâneas em diferentes direções, evidenciando complexidades que permanecem pouco exploradas em análises mais generalizantes. Nesse contexto, a identificação de narrativas nas quais o aparente fracasso de um megaempreendimento pode significar oportunidades de estabilização econômica e de aquisição de imóveis para determinados grupos configura uma investigação de caráter contraintuitivo, centrada em sujeitos que se beneficiaram de um projeto que não se concretizou conforme anunciado.

Um dos elementos que motiva a elaboração deste texto reside, ainda, na percepção da autora acerca de uma dificuldade, tanto individual quanto coletiva, enfrentada por sociólogos em formação e que realizam etnografia em mobilizar conceitos sociológicos como ferramentas metodológicas efetivas para a reflexão sobre suas pesquisas e produções acadêmicas. A partir dessa constatação, proponho sustentar que as noções elaboradas no interior da tradição weberiana podem operar como um aporte teórico e metodológico relevante, capaz de contribuir para a produção

de achados originais e complementares a outras tradições analíticas no campo da sociologia e da antropologia urbana e econômica. Não trata-se de priorizar metodologicamente uma tradição distante do nosso campo de pesquisas, mas de possibilitar a combinação de diferentes abordagens e referências.

O presente artigo é dividido em três momentos. No primeiro momento, rememoro e comparo abordagens analíticas presentes na sociologia clássica de Durkheim, Marx e Weber, justificando como a escolha por uma tradição weberiana de abordagem metodológica se destaca positivamente. Em um segundo momento, apresento um exemplo de pesquisa empírica de inspiração weberiana que considero bem sucedida e consciente de como a abordagem metodológica interfere nos seus resultados, o caso dos trabalhos de Machado da Silva . Por último, apresento alguns sinais de resultados da minha pesquisa de mestrado em andamento, inspirada por abordagens weberianas.

### **MAX WEBER E A AÇÃO TIPIFICADA DOTADA DE SENTIDO**

Por ser o teórico mais contemporâneo da chamada sociologia clássica, o jurista, economista e sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) teve a oportunidade de contribuir para o alargamento de alguns dos conceitos e formulações de seus antecessores clássicos da ciência. Weber pôde construir a ideia de uma sociologia compreensiva cujos conceitos abarcam de forma mais detida o sentido das ações individuais, talvez um dos maiores contrastes entre ele, Émile Durkheim e Karl Marx.

Antes de Max Weber, Émile Durkheim (1858–1917) formulou uma compreensão do indivíduo fortemente ancorada na primazia do coletivo, inserindo-se de modo decisivo na tradição da escola funcionalista. Em obras como “Da divisão do trabalho social” (1893) e “As regras do método sociológico” (1895), Durkheim concebe a sociedade como uma realidade *sui generis*, dotada de coerção própria, na qual os indivíduos ocupam posições funcionais necessárias à manutenção do todo social. A ação individual, nesse enquadramento, encontra-se amplamente condicionada por fatos sociais exteriores e coercitivos, o que limita as possibilidades de transformação social a partir da iniciativa dos sujeitos. Um desdobramento posterior dessa tradição pode ser identificado em Pierre Bourdieu (1930–2002), ainda que com importantes inflexões. Em seus estudos sobre a sociedade cabila na Argélia, particularmente em “Sociologie de l’Algérie” (1958) e nos textos reunidos em Esboço de uma teoria da

prática (1972), Bourdieu analisa os impactos da dominação colonial sobre as estruturas sociais e simbólicas locais. Embora atento às regularidades estruturais impostas pelo colonialismo, seu trabalho de campo evidencia que os agentes não responderam de forma homogênea a essas transformações, mobilizando disposições prévias e repertórios práticos distintos para reorganizar suas estratégias cotidianas, inclusive no espaço urbano, em direções que escapavam ao projeto colonial originalmente concebido.

De modo parcialmente comparável, Karl Marx (1818–1883) analisa as transformações na vida dos trabalhadores ingleses a partir de uma perspectiva que privilegia a condição comum da classe, em detrimento das diferenciações individuais. Em obras como "O Capital" (1867) e "Os manuscritos econômico-filosóficos" (1844), Marx investiga o funcionamento do modo de produção capitalista enfatizando as estruturas materiais e históricas que moldam a experiência social dos indivíduos. Seu olhar não é apenas teórico, mas também metodológico, uma vez que parte das relações de produção e das dinâmicas fabris para compreender a alienação, a exploração e a perda do controle sobre o processo de trabalho. Nesse enquadramento, os indivíduos aparecem sobretudo como portadores de relações sociais objetivas, sendo suas possibilidades de criação, expressão e autonomia fortemente limitadas pelas determinações estruturais do capitalismo industrial.

Em *Economia e Sociedade* (1922), Weber amplifica e dissectiona sociologicamente conceitos importantes para a ciência já fundada. Ele é o primeiro dos clássicos que tipifica e classifica ações individuais e atribui a elas um processo subjetivo. Para o alemão, as ações são ligadas a crenças difundidas que ganham e perdem relevância a depender do período histórico. Também, ações individuais podem ser, como não aparece nos teóricos anteriores, ligados a afetos, tradições, fins a serem atingidos e valores compartilhados coletivamente. As ações racionais com relação a fins são particularmente valiosas nos estudos das economias cotidianas via etnografia. A partir deste último, um ou mais indivíduos são compreendidos com capacidade de ordenamento suficiente do mundo a ponto de criar modelos de ação consecutivos para atingir um fim desejado.

Aqui, as estruturas não estão de fora. Em vez disso, a estrutura que Weber (1922) observa se materializa em instituições organizadas e estáveis. Um modelo de

sociedade em que é possível algum grau de previsibilidade e organização. Com acesso a esse grau de previsibilidade, os indivíduos são capazes de projetar planos para o futuro e se localizar no tempo e espaço em que estão inseridos. A forma de fazerem isso é através de sucessivas interações sociais. Portanto, metodologicamente, são as interações sociais produzem material competente para a compreensão sociológica weberiana. Para que uma ação social se complete, ela precisa ser dotada de sentido. Um sentido compreensível a outro indivíduo. Reiterando, o objeto de estudo da sociologia compreensiva são as interações entre indivíduos, situações observadas e vivenciadas por e com pesquisadores.

Quem produz um complemento nesse sentido é o sociólogo Charles Wright Mills (1916-1941). No texto “ações situadas e vocabulários de motivos” (2016), a relação entre ação e sentido subjetivo é ainda mais dissecada. Wright Mills (2016) critica, de maneira veemente, tanto abordagens da psicologia como da metafísica, para defender que a linguagem comunicada na interação social não é ontológica, ou seja, não está pronta antes da interação entre indivíduos. Para ele, a única forma de acessar o sentido das ações dos indivíduos é a partir da linguagem em si, verificável e compreensível.

Para corroborar e aproximar ainda mais esses dois autores, o segundo argumenta que antes do momento da interação entre pares, o indivíduo planeja ou espera uma determinada resposta ou reação com base em um quadro ou referência socialmente construída até ali. Antes de promoverem alguma ação social, os indivíduos socializados têm acesso a uma antecipação com base na repetição de ações que estes presenciaram e vivenciaram ao longo de sua trajetória. Uma das principais vantagens desta teoria é a possibilidade de dar conta em alguma medida a sistemas de motivação cotidianos. Em outras palavras, permite compreender como diferentes indivíduos podem assimilar e narrar um mesmo ocorrido de formas diferentes já que eles podem ter quadros biográficos diferentes.

O sujeito da ação social de Max Weber e de Charles Wright Mills é um sujeito localizado espacial e temporalmente. Ele também possui um modelo referencial ou uma biografia que vão influenciar diretamente suas ações e sua forma de organizar o mundo subjetivamente. Portanto, faz-se adequada a aproximação da tradição weberiana para pensar interações com as quais nos deparamos em nossos campos

de pesquisa. Se os demais clássicos da sociologia partem de uma estrutura para explicar o indivíduo, Weber (1922) chega em constatações bastante úteis ao etnógrafo partindo do sujeito e da sua biografia. Longe de promover uma supervalorização de uma ótica, desvalorizando outra, o que intento até aqui é demonstrar como as duas perspectivas e metodologias estão chegando em resultados diferentes e, ao mesmo tempo, complementares. Nos parágrafos a seguir, tento expor um caso na sociologia contemporânea onde a abordagem weberiana foi conscientemente adotada e defendida, e que contribuições teóricas foram possíveis a partir dessa escolha.

## **AÇÃO SOCIAL E SENTIDO NOS ESTUDOS DO COTIDIANO**

Os estudos etnográficos que abordam o cotidiano apresentam, quase sempre, resultados contraditórios se comparados a uma sociologia ocupada com as abstrações estruturais e institucionais. Interessados em compreender grandes transformações, megaprojetos ou viradas político-econômicas, tendem a acreditar que uma pesquisa que persegue as movimentações institucionais é o caminho para uma pesquisa mais abrangente e relevante, ao passo que defendem que a pesquisa etnográfica trata de problemas menores, sendo incapaz de formular, tensionar e desenvolver teorias sociológicas relevantes.

O sociólogo brasileiro contemporâneo Luiz Antônio Machado da Silva foi um crítico importante dessa tendência presente nos estudos sobre a violência no estado do Rio de Janeiro. Conforme a leitura de Marcela Araújo (2019), que analisa o conjunto das principais produções do autor voltadas ao cotidiano urbano, Machado da Silva identifica a persistência de uma influência durkheimiana nas explicações sobre a violência urbana. De modo geral, essa influência se manifesta em análises que tomam a violência na ação individual como expressão direta de uma violência geral e totalizante. O argumento central destacado no artigo é que a chamada violência em geral constitui, na verdade, um conceito abstrato, cujo estatuto analítico impede que ele seja fielmente representado por interações situadas e de menor escala. Em termos próximos à linguagem weberiana, um tipo ideal opera como uma construção analítica e não pode ser encontrado em estado puro nas práticas cotidianas. Assim, uma

situação violenta específica não deve ser compreendida como a representação direta da violência em si.

Da mesma forma, atribuir uma conduta violenta ou a adesão de indivíduos a uma organização em conflito com a lei institucional à uma suposta falha ou ausência do Estado também é uma análise durkheimiana à medida que conecta invariavelmente a ação individual a uma ordem estruturante exterior e coercitiva. Em consequência, o quadro de referências do indivíduo, suas motivações, sua biografia, sua memória, suas estratégias cotidianas ficam de fora do escopo de pesquisa. O que Machado da Silva faz é apresentar uma alternativa “weberiana” a essa agenda de pesquisa a partir das noções de “ação” e de “poder”.

Três passos são importantes para construir uma agenda sociológica nos termos “weberianos”: em primeiro lugar, é importante “não se propor a desenvolver uma metanarrativa voltada para a compreensão global do processo social, elaborando quadros de referência abstratos e culturalmente inconscientes (Machado da Silva, 2004, p. 54)”. Em segundo lugar, ele propõe elencar como objeto uma construção analítica feita a partir da regularidade das ações cotidianas. Por exemplo, em vez de estudar a violência em geral, pesquisar um tipo ou padrão de sociabilidade, a sociabilidade violenta. Além disso, o tipo ideal adequado para ser utilizado seria um tipo ideal histórico, e não sociológico. Em terceiro lugar, é preciso especificar e lapidar o objeto o máximo possível (Araújo, 2019. p. 9).

Os estudos de Luiz Antônio Machado da Silva sobre a sociabilidade violenta foram deliberadamente recortados a partir de um interesse analítico situado, voltado à compreensão de formas específicas de violência associadas ao tráfico de drogas no Rio de Janeiro, sem a pretensão de generalizar tais dinâmicas para outras expressões da violência ou para outros contextos urbanos. Ancorado em uma sensibilidade analítica próxima à tradição weberiana, o autor produziu, desde a década de 1990, resultados originais a partir da observação etnográfica do cotidiano das favelas cariocas, combinando trabalho de campo prolongado e pesquisas com grupos focais. Um de seus principais achados consiste em demonstrar que a crise institucional frequentemente apontada como causa da criminalidade violenta foi também a condição que possibilitou a emergência de novos padrões de comportamento e de formas específicas de organização da vida cotidiana, configurando o que o autor

descreve como “mundos à parte”. Trata-se de um movimento analítico que desloca o olhar da ausência, da falha ou da ruína para processos ativos de criação e rearranjo social.

Nessa mesma direção, pesquisas etnográficas que acompanham o funcionamento cotidiano de instituições ou de pequenos grupos inseridos em ambientes marcados por precariedades estruturais têm evidenciado a insuficiência da noção de crise como chave explicativa totalizante (Barrios, 2017). Ao privilegiar a ideia de ruptura ou exceção, o vocabulário da crise tende a obscurecer práticas ordinárias e continuadas por meio das quais os sujeitos tomam decisões, elaboram estratégias, fazem planos e constroem formas de circulação e permanência na cidade. Em vez de eventos súbitos ou desvios anômalos, o que se observa são processos cumulativos e historicamente situados, nos quais arranjos institucionais, decisões técnicas e políticas urbanas produzem condições de vulnerabilidade ao mesmo tempo em que abrem margens para a agência e a ação prática dos atores sociais. Esse deslocamento analítico permite compreender como a vida urbana se sustenta e se reorganiza mesmo em contextos amplamente descritos como falhos ou em colapso. Na seção a seguir, descrevo algumas situações etnográficas de uma pesquisa coletiva em que culminou em uma dissertação de mestrado (Souza, 2025) em que a tradição weberiana teve impactos positivos e relevantes.

## **O COTIDIANO DE DUAS MULHERES: QUADROS DE EXPECTATIVAS A PARTIR DE CONDOMÍNIOS FECHADOS**

Fabiana e Débora, minhas protagonistas de pesquisa e anfitriãs, têm hoje 38 e 35 anos de idade, respectivamente, cerca de dez anos mais velhas em relação à pesquisadora. Nossa aproximação se deu em 2019, quando através de uma pesquisa coletiva comecei a investigar os impactos e efeitos das expectativas geradas pelo Comperj em Itaboraí. Fabiana foi minha primeira interlocutora, tendo posteriormente aberto o campo para que eu acompanhasse o cotidiano de sua família pelos próximos seis anos.

Elas são irmãs e residem em diferentes condomínios fechados no distrito de Manilha, em Itaboraí. Cada uma com seu marido e um filho pequeno. Ambas

criaram no bairro Nova Esperança<sup>4</sup>, na mesma cidade. Seus pais, dona Quitéria e seu Severino, vieram do estado da Paraíba em busca de melhores condições de trabalho e moradia na década de 1970. Tendo se ocupado durante boa parte de suas vidas como empregada doméstica e pedreiro em firma de construção civil na Zona Sul do Rio de Janeiro, o casal almejava uma trajetória diferente para as filhas. O esforço foi intenso, dona Quitéria rejeitava a ajuda das filhas nas tarefas domésticas, argumentando que seu único esforço deveria ser o de estudar para não precisar trabalhar em casa de família.

Durante a adolescência, as irmãs terminaram o ensino médio, realizaram cursos preparatórios para vestibular e ingressaram no ensino superior. Desde novas, dona Quitéria deixou claro que, apesar do terreno amplo que conquistara com o marido, as filhas teriam de galgar seus caminhos sem a possibilidade de construir no lote dos pais. Enquanto cursava ciências biológicas, Débora conheceu Mauro, com quem namorou durante nove anos até terem condições financeiras para comprar um terreno e construir sua casa. Já Fabiana, conheceu seu marido, Cláudio, em um evento religioso. O casal também levou alguns anos para unir-se em matrimônio até que tivessem organizado as finanças para comprar uma casa própria.

Boa parte desses processos ocorreram concomitantemente ao processo de expectativa, investimento, queda e oscilação do megaempreendimento descrito no início deste trabalho. Quando o Comperj foi anunciado, Fabiana, a irmã mais velha, possuía vinte anos e a mais nova dezessete. Mesmo que a família não almejava uma carreira diretamente ligada ao empreendimento, as etapas da vida das irmãs foram interpeladas pelas mudanças que a cidade vivenciava ao seu redor.

Os maridos dessas duas mulheres são homens que, assim como os descritos nas primeiras páginas, vieram de outras partes do estado trazendo consigo suas economias a serem investidas em imóveis a partir do matrimônio com as protagonistas desta história. Ambos os jovens casais souberam aproveitar momentos de baixa no mercado imobiliário para comprar uma casa e um terreno a valores acessíveis dentro de condomínios fechados.

---

<sup>4</sup> Todos os nomes próprios, de pessoas ou localidades específicas - como bairros - são fictícios.

As ruínas institucionais que quase sempre monopolizam as narrativas sobre a cidade ainda não encontraram casos como os de Fabiana e Débora. Essas duas mulheres têm sido minhas anfitriãs, compartilhando comigo seus conhecimentos e estratégias cotidianas que as permitiram pôr em prática planos e expectativas alimentados durante toda sua trajetória.

Em entrevista com Débora e Mauro, marido de Débora, o sargento da Marinha do Brasil, me disse que não investiria dinheiro em um imóvel na cidade que não fosse dentro de um condomínio cercado, vigiado e bem equipado. Já Fabiana e seu marido, Cláudio, optaram por vender seu primeiro imóvel anos depois da aquisição. Antes, o casal não fazia questão de morar em um condomínio porque consideravam que algumas demandas que seus pais enfrentavam seria superada mudando para um bairro com melhor acesso à infraestrutura e equipamentos urbanos. Mas, em poucos anos, Fabiana passou a se sentir insegura com o avanço incisivo da presença do comércio ilegal de entorpecentes e decidiu comprar uma segunda casa, desta vez, também em um condomínio fechado.

Depois da aquisição das novas moradias e da instalação das novas famílias nas mesmas, os dois casais adquiriram também carros populares usados pouco antes de terem seu primeiro filho. Mais recentemente, Fabiana passou em um concurso para a prefeitura de Niterói (RJ) e Débora ainda estuda para realizar esse objetivo. Quando perguntadas se sentem realizadas com suas conquistas recentes, elas responderam vagamente que sim, mas sempre lembrando que ainda têm muitos planos pela frente. Fabiana havia acabado de realizar uma pós-graduação para aumentar sensivelmente seus rendimentos e almejava cursar um mestrado acadêmico. Débora diz que ainda sonha em adquirir uma casa de veraneio na praia. O marido de Fabiana é cozinheiro em uma embarcação em São Paulo e Mauro é sargento da Marinha do Brasil.

Partindo do quadro de referências de sucesso e de vida melhor e mais digna que Fabiana e Débora construíram, uma série de pequenas ações e caminhos foram trilhados dentre muitos outros possíveis nos últimos vinte anos para que hoje elas estivessem em uma posição social e econômica acima da posição dos seus pais. Ainda assim, uma vez que os projetos de vida tenham sido aparentemente alcançados, novas etapas complementares surgem, se trata de um futuro que nunca chega mas para o qual sempre convém se preparar, poupar, salvar, economizar.

Em uma palestra ministrada no MAM, posteriormente publicada no formato de artigo intitulado “Quanto vale uma favela?” O antropólogo estadunidense Anthony Leeds (2017) defende que a moradia na favela, é uma dentre muitas possibilidades e escolhas que famílias pobres fazem a partir de um cálculo preciso e complexo. Questões abordadas por Leeds (2017) como “priorizar a geração do presente ou a próxima geração” iluminam situações de campo como as que tenho hoje em andamento, uma vez que me indica que a relativa melhora das condições de vida das minhas interlocutoras estão diretamente ligadas aos sacrifícios que seus pais fizeram no passado para priorizar a geração das suas filhas.

Minha pesquisa de campo tem sido encaminhada encarando três espaços: a casa de Fabiana, a casa de Débora e a casa de dona Quitéria como casa-matriz. A casa-matriz é um elo de sustentação para as outras casas. Além do incentivo da mãe para que as filhas adquirissem seus próprios lotes, aumentando o patrimônio da família, é com o suporte direto dos pais que as filhas conseguiram acumular mais de uma ocupação provisória - como estágios e trabalhos de meio período - aumentando consideravelmente seu poder aquisitivo e a velocidade em que as etapas se sucederam.

A partir da interpretação de Schultz em Fenomenologia e relações sociais (1979), realizada por Gilberto Velho (1994), vemos a construção de um suposto sujeito individualizado nas sociedades complexas que - também numa chave weberiana - é capaz de desenvolver “projetos” de vida. O que Velho (1994) desenvolve em “Memória, identidade e projeto” (1994) é um esquema de elementos que permitem a um indivíduo atribuir significado à sua própria trajetória. “São visões prospectivas e retrospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão de etapas de sua trajetória (Velho, 1994. p, 101)”. A partir da inteligência dessa trajetória situada no passado, ele encontra fundamentos para organizar sua identidade no presente e seu projeto futuro. Para Velho, um elemento essencial para a construção desse indivíduo é a memória. Um projeto de vida organizado em fases e etapas só é possível graças à capacidade retrospectiva.

Corroborando com o artigo de Leeds (2017), minhas interlocutoras defendem que decidiram continuar morando na cidade natal depois da queda do Comperj porque

a cidade teria mantido um custo de vida relativamente baixo. Débora diz que o dinheiro da família em Itaboraí vale muito mais do que nas cidades vizinhas. Para ela, permanecer em uma cidade “arruinada” significa poder ter uma vida mais confortável pagando menos. Nesse sentido, a cidade em ruínas na realidade das minhas interlocutoras é uma cidade em que elas tiveram condições de alcançar numerosos elementos de uma vida confortável. Se antes, para dona Quitéria e seu Severino se movimentarem pela cidade seu principal recurso era a caminhada ou a bicicleta, hoje Fabiana e Débora raramente abastecem suas residências sem a ajuda do carro de seus maridos.

No caso de Itaboraí, o trabalho de campo não permite caracterizar o Estado a partir das categorias de ausência ou abandono. Em vez disso, a pesquisa evidencia formas específicas e situadas de presença estatal que operam na produção do espaço urbano e das trajetórias familiares observadas. Essas presenças se manifestam, por um lado, por meio de políticas de crédito e de mecanismos de facilitação do acesso à moradia, que possibilitam a aquisição de imóveis por famílias como as de Débora e Fabiana. Por outro, emergem na circulação e na residência frequente de agentes das forças armadas nos condomínios estudados, configurando uma modalidade particular de presença estatal que combina segurança, ordenamento e reconhecimento simbólico. Assim, mais do que ausente ou abandonado, o Estado aparece etnograficamente como um conjunto de práticas, dispositivos e agentes que incidem de maneira desigual sobre a vida cotidiana, produzindo efeitos concretos na organização da cidade e nas estratégias dos moradores.

A partir da observação etnográfica realizada em dois condomínios específicos, nota-se que os cargos de síndico e de administração cotidiana desses espaços são majoritariamente ocupados por militares, tanto da ativa quanto aposentados. Trata-se de empreendimentos consolidados após 2014, em um contexto posterior aos conflitos envolvendo tráfico de drogas e milícias na região. A gestão cotidiana desses condomínios é orientada por práticas que visam regular acessos e controlar interações, com o objetivo explícito de manter fora de seus limites situações percebidas como potencialmente conflituosas ou presenças consideradas indesejáveis. Nesse cenário, observam-se situações recorrentes de vigilância cotidiana dirigidas às visitas, especialmente quando se trata de famílias com

trajetórias residenciais anteriores em favelas marcadas pela atuação do tráfico de drogas. Tais práticas de vigilância não se restringem aos agentes formais de segurança, mas envolvem também moradoras do próprio condomínio, muitas delas esposas de militares, como no caso de Débora.

A incorporação dos conceitos weberianos de ação e sentido mostrou-se central para a análise do trabalho de campo ao permitir compreender as trajetórias de Fabiana e Débora não como efeitos automáticos de estruturas econômicas ou institucionais, mas como cursos de ação orientados por motivações, expectativas e avaliações situadas. A partir dessa chave analítica, decisões como permanecer em Itaboraí após a paralisação do Comperj, investir em imóveis em momentos de baixa do mercado ou priorizar a aquisição de moradias em condomínios fechados puderam ser interpretadas como ações dotadas de sentido, ancoradas em projetos de vida construídos ao longo do tempo e informados por experiências passadas, memórias familiares e horizontes futuros.

Em vez de tratar essas escolhas como respostas mecânicas à crise ou como simples estratégias de adaptação, a perspectiva weberiana possibilitou apreendê-las como práticas socialmente orientadas, nas quais avaliações morais sobre segurança, estabilidade, ascensão social e proteção familiar desempenham papel decisivo. Assim, o diálogo com Weber contribuiu metodologicamente para deslocar a análise do diagnóstico abstrato de fracasso urbano para a compreensão das racionalidades práticas que organizam o cotidiano das interlocutoras, evidenciando como, mesmo em um contexto amplamente descrito como arruinado, a ação social se estrutura a partir de sentidos compartilhados, projetos em continuidade e expectativas de futuro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste artigo, busquei demonstrar como a mobilização das noções de ação e sentido, formuladas no interior da tradição weberiana, pode contribuir de forma substantiva para a interpretação de situações etnográficas marcadas por ambivalências, contradições e resultados não antecipados pelos discursos institucionais dominantes. Ao deslocar o olhar da análise centrada exclusivamente em diagnósticos de fracasso, crise ou colapso, a abordagem proposta permite acessar processos cotidianos nos quais os sujeitos elaboram estratégias, tomam decisões e

atribuem sentidos às suas trajetórias, mesmo em contextos amplamente descritos como adversos.

O caso de Itaboraí, frequentemente representado na mídia e em parte da literatura acadêmica como um exemplo emblemático dos efeitos negativos de um megaempreendimento interrompido, revela-se particularmente fecundo para esse tipo de análise. Embora a paralisação do Comperj tenha produzido efeitos profundos de desorganização econômica e urbana, o trabalho de campo evidencia que esses mesmos processos abriram margens de possibilidade para determinados grupos sociais, sobretudo no acesso à moradia e na estabilização de projetos de vida. A ocupação de condomínios fechados por famílias que não correspondiam ao perfil inicialmente vislumbrado pelo empreendimento exemplifica como oscilações estruturais podem ser apropriadas de maneiras diversas, produzindo trajetórias que escapam a leituras homogêneas e totalizantes.

Nesse sentido, a etnografia se mostra particularmente apta a captar aquilo que permanece invisível em análises orientadas por categorias abstratas como crise, abandono ou ruína. Ao acompanhar práticas ordinárias, decisões aparentemente triviais e formas situadas de circulação pela cidade, torna-se possível compreender como a vida urbana se reorganiza a partir de continuidades, e não apenas de rupturas. Tal perspectiva converge com críticas recentes ao uso indiscriminado da noção de crise como chave explicativa, ao evidenciar que processos históricos e institucionais produzem simultaneamente vulnerabilidades e possibilidades de ação.

Por fim, este trabalho também buscou contribuir para um debate metodológico mais amplo no interior das ciências sociais, ao defender que conceitos clássicos não devem ser tratados apenas como referências teóricas abstratas, mas como instrumentos analíticos capazes de orientar o próprio fazer etnográfico. Longe de propor uma hierarquização entre tradições, a aposta na sociologia weberiana aqui apresentada visa reforçar a importância de combinações analíticas sensíveis ao cotidiano, às motivações dos atores e aos sentidos atribuídos às ações. Ao fazê-lo, espero ter demonstrado que abordagens atentas à ação situada podem produzir interpretações com mais nuances sobre os efeitos sociais de grandes projetos de desenvolvimento, especialmente em contextos urbanos marcados por incertezas e transformações contínuas.

## REFERÊNCIAS

BARRIOS, Roberto E. *What does catastrophe reveal for whom? The anthropology of crises and disasters at the onset of the Anthropocene*. **Annual Review of Anthropology**, v. 46, n. 1, p. 151–166, 2017. DOI: 10.1146/annurev-anthro-102116-041635.

BINSZTOK, Jacob. BARBOSA, Jorge Luiz. **Modernização Fracassada. Dossiê Comperj**. Rio de Janeiro: Consequência/Faperj 2018.

BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo**. Estruturas Econômicas e Estruturas Temporais. Editora Perspectiva. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologie de l'Algérie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1958.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. Oeiras: Celta, 2002.

CAVALCANTI, M. “Do barraco à casa. Tempo, espaço e valores em uma favela consolidada”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 24(69): 69-80, 2009.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EXAME. **Comperj tem protesto contra salários atrasados e demissões**. Exame, 10 fev. 2015. Disponível em: <https://exame.com/brasil/comperj-tem-protesto-contrasalarios-atrasados-e-demissoes/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2025.

G1. **Lava Jato entenda a denúncia sobre a Comperj**. G1, 08 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2019/01/08/lava-jato-entenda-a-denuncia-sobre-a-comperj.ghtml>. Acesso em: 12 de dezembro de 2025.

INCID, Indicadores de Cidadania. **Dossiê “A invisível cidadania dos trabalhadores e trabalhadoras do Comperj”**. Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), Rio de Janeiro, 2015.

LEEDS, Anthony. Quanto vale uma Favela. **sociol. antropol.** | Rio de janeiro, v.08.03: 831–848, set.–dez., 2018.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

SHIMBO, Lúcia Zanin. **Habitação Social, Habitação de Mercado: a confluência entre Estado, empresas construtoras e capital financeiro**. 2010. Tese

(Doutorado em Arquitetura e Urbanismo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo).

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose, Antropologia das Sociedades Complexas**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1994.

WAGNER, Helmut R. **Textos Escolhidos de Alfred Schultz. Fenomenologia e Relações Sociais**. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1970.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Vol 1. Editora UnB. 2012.

WRIGHT MILLS, Charles. “Ações situadas e vocabulários de motivos”. [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 15, n. 44, p. 10-20, agosto de 2016. ISSN: 1676-8965.

*Artigo recebido em 02 de setembro de 2025.*

*Aprovado em 13 de março de 2026.*